

A CONSERVAÇÃO DO ACERVO DE PROJETOS ARQUITETÔNICOS RELACIONADOS À CONSTRUÇÃO DO CAMPUS DA UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)

THE CONSERVATION OF THE COLLECTION OF ARCHITECTURAL DESIGN RELATED TO UNIVERSITY CAMPUS OF UNIVERSIDADE FEDERAL RURAL DO RIO DE JANEIRO (UFRRJ)



Ana Paula Ribeiro de Araujo

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil
ana.r.araujo@gmail.com



Claudio Antônio Santos Lima Carlos

Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro, Seropédica, Rio de Janeiro, Brasil
claudio.limacarlos@gmail.com

1

Resumo

O presente artigo tem por objetivos principais expor as características, o estado de conservação e as ações de conservação preventiva e catalogação até agora realizadas e coordenadas pelos autores, no acervo de projetos arquitetônicos do Campus Seropédica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), protegido pelo tombamento estadual desde 1998. As referidas ações se deram por meio de diversas pesquisas realizadas, desde 2009, com a participação de discentes dos cursos de Arquitetura e Urbanismo e de Belas Artes. No período 2013-2015, as iniciativas de conservação foram apoiadas financeiramente, pela Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), o que viabilizou a compra de equipamentos e materiais de consumo. As pesquisas realizadas revelaram, dentre outros aspectos importantes para a história do campus e da arquitetura brasileira, a participação efetiva do artista plástico, arquiteto e engenheiro Eugênio de Proença Sigaud (E. P. Sigaud) constatada em desenhos, croquis e estudos para a definição da arquitetura do Pavilhão Central do campus Seropédica.

Palavras-chave: Patrimônio cultural. Conservação. Documentação. Neocolonial. Arquivo.

Abstract

This article is aimed to present the features, the state of conservation and the actions of preventive conservation and cataloging and management made until this moment by the authors on the collection of architectural at the campus of Seropédica of the Rural Federal University of Rio de Janeiro (UFRRJ), protected by the state since 1998 being a listed building. These accomplishments came from a number of researches done since 2009, with the participation of students from the courses of Urbanism and Architecture and Fine arts. During the period of 2013-2015, the initiatives of conservation were financed by the Fundação ao Amparo à Pesquisa do Estado do Rio de Janeiro (FAPERJ), which made the purchase of equipment and materials viable. The research revealed, that among other important aspects to the history of the campus and brazilian architecture, the participation of the plastic artist, architect and engineer Eugênio de Proença Sigaud (E. P. Sigaud) in drawings, sketches and studies for the definition of architecture on the center pavilion of campus Seropédica.

Keywords: Cultural Heritage. Conservation. Documentation. Neocolonial. Archival

A descoberta dos desenhos que compõem o acervo

A teoria da conservação do patrimônio cultural indica sempre a conservação preventiva como ação primordial para evitar-se a restauração. Para o Dicionário de Terminologia Arquivística (1996, p.18), a conservação é o “conjunto de procedimentos e medidas destinadas a assegurar a proteção física dos arquivos contra agentes de destruição”, e preservação é “função arquivística destinada a assegurar as atividades de acondicionamento, armazenamento, conservação e restauração de documentos”.

Mediante essas premissas, as iniciativas de pesquisa que originaram a criação do Laboratório de Conservação de Documentos da UFRRJ (LabDoc/UFRRJ), iniciadas em 2007, no âmbito do Curso de Arquitetura e Urbanismo da IES, priorizaram a conservação preventiva das pranchas desenhadas à mão que constituem o rico e variado acervo de projetos arquitetônicos. O citado acervo se encontrava em precárias condições de guarda, acondicionado em uma mapoteca de madeira, em mau estado de conservação, onde os originais eram mantidos suspensos por “orelhas de papel”, a eles grampeadas (fig. 01). O ambiente da sala do prédio da antiga Prefeitura Universitária (PU), no qual a mapoteca se encontrava, estava exposto à umidade (goteiras) e muita poeira

Figura 1 - Mapoteca com originais em papel vegetal e manteiga na Prefeitura Universitária e escaninhos utilizados para a guarda de originais de forma inadequada., em 2010



Fonte: Viviane Godinho Vaz (bolsista de iniciação científica de 2009 a 2010) – Acervo da pesquisa

Apesar de seu precário estado de conservação e guarda, o conjunto de documentos demonstrava extremo apuro formal e riqueza de detalhamentos de ornamentos e interiores do conjunto arquitetônico compostos pelos diversos institutos e residências da UFRRJ. Neste universo, destacaram-se, inicialmente, os estudos e detalhamentos realizados pelo arquiteto, engenheiro e artista plástico Eugênio de Proença Sigaud (E. P. Sigaud) e pela empresa Laubisch & Hirth que empregou Joaquim Tenreiro, no período 1933-1943. Como a construção do campus Seropédica se deu no período 1938-1948, é provável que muitos dos desenhos de mobiliário especialmente projetado para as dependências dos prédios da Universidade, tenham sido por ele executados, apesar de até o momento, não ter sido identificada sua assinatura.

O acervo de desenhos arquitetônicos relacionado à memória projetual do campus Seropédica da UFRRJ traz uma infinidade de informações que permitem constatar os ambiciosos objetivos do Estado Novo de Vargas em criar um centro acadêmico de excelência nas ciências agrárias, capaz de proporcionar autonomia tecnológica aos produtores brasileiros do setor. Por meio desse importante acervo é possível constatar um grande apuro e grande diversidade de intenções, muitas delas não concretizadas. Os detalhes arquitetônicos e do mobiliário, especialmente projetado para os interiores, transmite requinte e apuro formal ao conjunto. Por outro lado, também nos permite comparar criticamente soluções projetadas com as executadas, bem como as apropriações contemporâneas dos espaços projetados no passado.

O plano para construir aquela que seria “a primeira cidade universitária brasileira fora da concentração urbana das grandes cidades”, tomou forma em 1938, quando Getúlio Dorneles Vargas era Presidente do Brasil (RUMBELAPAGER, 2005). A iniciativa partiu do então Ministro da Agricultura Fernando de Sousa Costa que, através de uma exposição de motivos, solicitou, em agosto de 1938, autorização do Presidente para iniciar as construções de um novo campus para a Escola Nacional de Agronomia, nas terras do que era então a Fazenda Nacional de Santa Cruz. O projeto dos edifícios foi aprovado por Vargas ainda em outubro de 1938, tendo a construção do campus se

iniciado no ano seguinte. Em 1941, várias edificações já estavam concluídas, mas foi somente em 1948 que o campus, como um todo, teve suas obras concluídas.

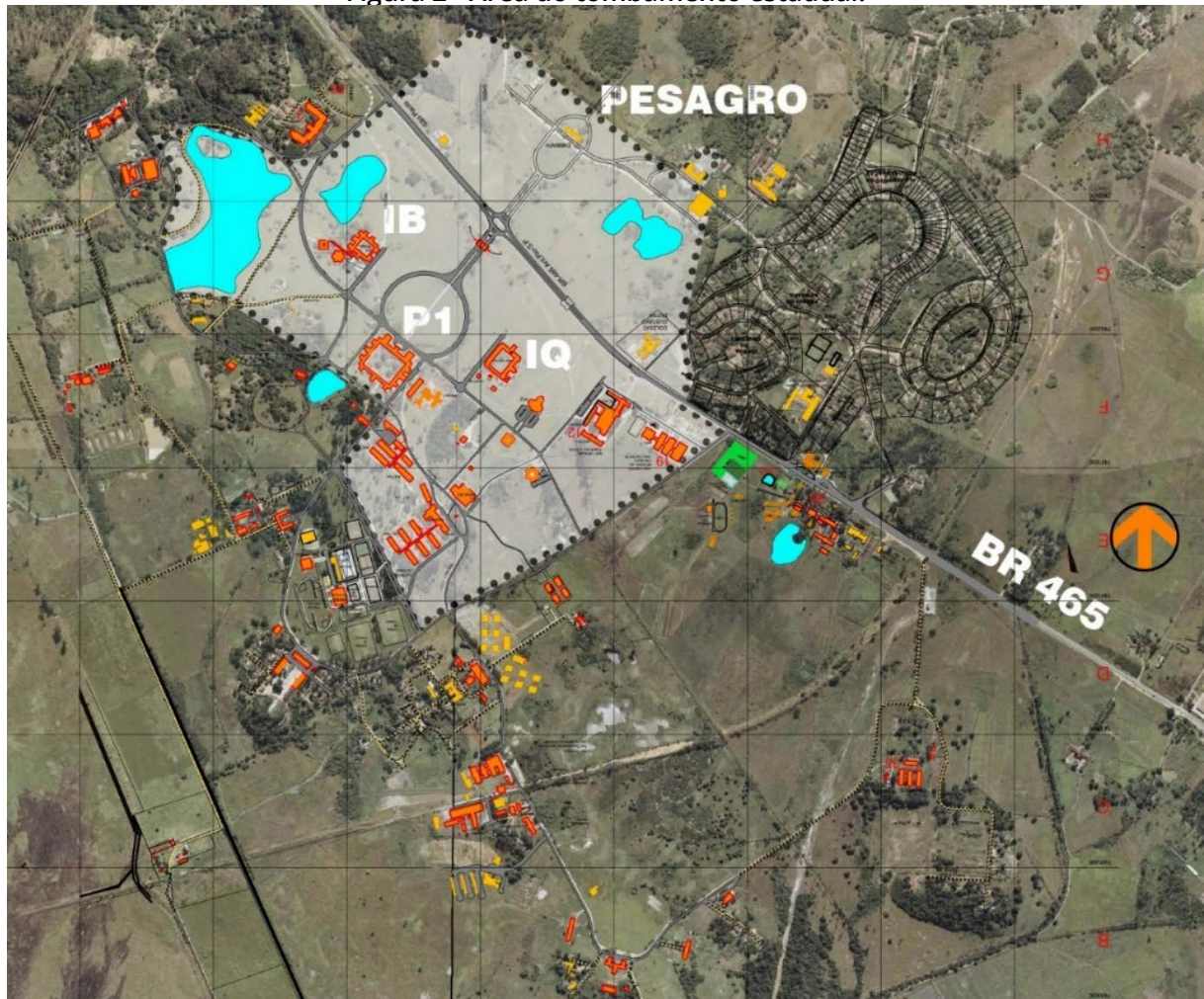
Em função da sua importância cultural, o conjunto arquitetônico-paisagístico da UFRRJ foi tombado provisoriamente, em 1998, pelo governo estadual, para, em 2001, ser definitivamente protegido. A iniciativa de proteção foi proposta pela Universidade ao Instituto Estadual de Patrimônio Cultural (INEPAC), que a encaminhou ao Conselho Estadual de Tombamento (CET), primeiramente para os painéis de azulejos projetados e pintados pela artista plástica de origem portuguesa Maria Helena Vieira da Silva, localizados no antigo refeitório (atual sala de estudos) do campus. Cabe destacar que a obra é a única produzida pela artista plástica no Brasil. Após visita de técnicos do INEPAC, o tombamento foi estendido ao campus Seropédica, na área que guarda sua ocupação original, que inclui seu parque paisagístico projetado por Reynaldo Dierberger, além de pavilhões e edificações em estilo neocolonial, nele situados. A constatação originou o tombamento pela esfera administrativa estadual dos painéis de azulejos de Vieira da Silva juntamente com o conjunto arquitetônico-paisagístico do campus Seropédica.

No entanto, a riqueza do conjunto arquitetônico do campus Seropédica da UFRRJ não se esgota em seus pavilhões de aulas e de funções administrativas. A previsão do uso residencial em suas dependências, para professores, alunos e funcionários, viabiliza a reconstituição das características do morar, no período 1930-1940, numa região rural, induzindo a reflexões e comparações com as condições atuais. Foram identificados, além de projetos dos prédios dos Institutos e Pavilhão Central (P1), projetos arquitetônicos e complementares das residências construídas para abrigar o Reitor, o Vice-Reitor, os professores e os funcionários do campus.

O acervo de projetos arquitetônicos da UFRRJ se caracteriza pela diversidade e riqueza de propósitos e materialidades. Com relação aos propósitos, observa-se uma grande variação que vai de anteprojetos, projetos complementares de arquitetura até croquis de detalhes, sem identificação de autoria em folhas sem margem ou rodapé. O suporte predominante é o papel manteiga para desenhos executados a

grafite, nanquim e técnica mista (nanquim e grafite). Há também, em menor número, exemplares desenhados a grafite e nanquim sobre papel vegetal.

Figura 2 - Área do tombamento estadual.



Fonte: Elaborada por Ana Paula Araujo a partir do esquema contido no processo de tombamento, INE-PAC, fl. 34. Acervo da pesquisa

Pesquisas e análises dos documentos do acervo do LabDoc

Seis pesquisas já foram realizadas com o acervo do Labdoc. A primeira pesquisa “Descobrimo o Campus da UFRuralRJ através do seu Patrimônio Documental” realizou o primeiro levantamento e análise do acervo documental sobre o conjunto arquitetônico do campus da UFRuralRJ, disponível em várias unidades da Universidade. (LIMA CARLOS, 2011).

A segunda pesquisa, “Campus da UFRRJ: da idealização à realidade”, objetivou representar graficamente e analisar comparativamente soluções arquitetônicas não executadas com o estado atual das edificações protegidas pelo tombamento estadual do campus Seropédica da UFRRJ (LIMA CARLOS, 2013).

A terceira pesquisa, “Digitalização e Conservação do Acervo Documental do Campus Seropédica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ)” visou registrar e divulgar a memória documental relacionada à construção conjunto arquitetônico do campus Seropédica da UFRRJ. A pesquisa identificou o acervo de projetos arquitetônicos referente ao conjunto arquitetônico e paisagístico do Campus Seropédica da UFRRJ, classificando seus componentes através de instrumento específico de coleta de dados (ficha cadastral), especialmente desenvolvida para esse fim, que contém informações acerca da obra localizada, tais como, tipo de papel, técnica utilizada, conteúdo do desenho, autoria, data. Além dessa primeira ação de registro e catalogação dos desenhos, foi empreendida a conservação preventiva dos documentos, através de higienização, armazenamento adequado e, quando necessário, restauração. A intenção é formar um banco de dados digital relativo ao acervo documental, no sítio eletrônico da UFRRJ, acessível aos pesquisadores e demais interessados. A criação de um banco de dados digital possibilitará a proposição de exposições periódicas com o material coletado, visando conscientizar a comunidade universitária, bem como o público em geral, sobre a importância da memória documental de uma instituição como a UFRRJ. (LIMA CARLOS, 2016)

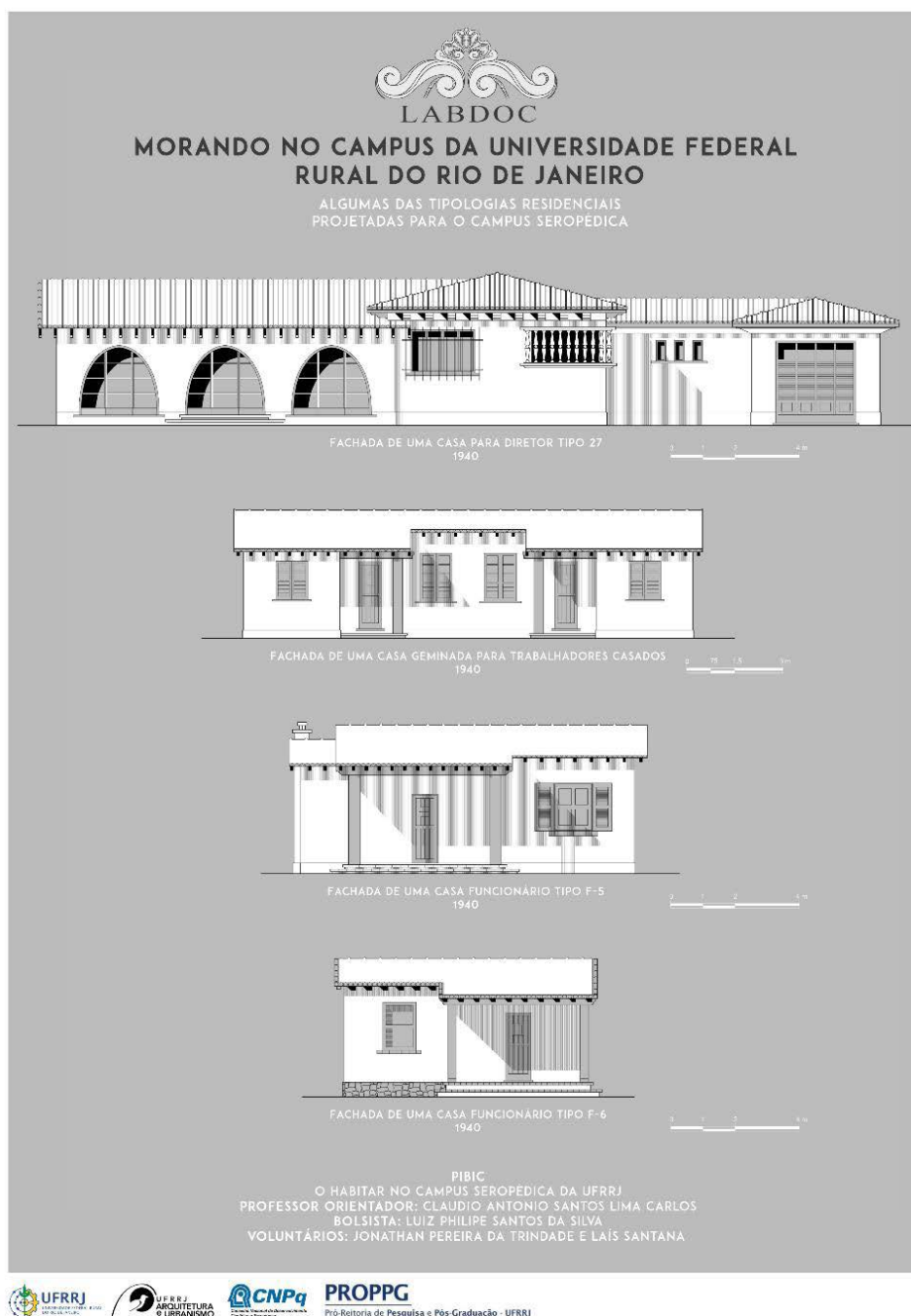
A quarta pesquisa “Técnicas Retrospectivas de Desenho e Representação Gráfica” levantou e analisou as técnicas de desenho de arquitetura e representação gráfica utilizadas no conjunto de desenhos relacionados ao projeto de construção do campus Seropédica da Universidade Federal Rural (UFRRJ), ocorridos no período 1938-1948 e executados por equipe de arquitetos liderada por Ângelo Murgel. A construção de uma referência memorial dessa importante área da arquitetura e urbanismo, possibilitou avaliar criticamente os atuais meios digitais de desenho de arquitetura, muitos dos quais, baseados nos processos tradicionais. (LIMA CARLOS, 2017)

A quinta pesquisa “O Habitar no campus Seropédica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro” produziu um inventário arquitetônico de todas as tipologias residenciais projetadas para o campus Seropédica, para abrigar professores, alunos e funcionários, a partir da identificação dos projetos originais dessas edificações. A documentação foi digitalizada para a produção de plantas humanizadas e modelos 3D das propostas originais (fig. 03). Foram realizadas análises comparativas entre os projetos originais e os estados atuais das edificações remanescentes, avaliando tanto o grau de caracterização quanto o estado de conservação. Foi possível observar um significativo acervo que traduz uma grande preocupação do projeto original do campus em fixar professores, alunos e funcionários no campus com conforto e segurança, considerando-se os respectivos níveis hierárquicos. Há projetos para alojamentos de alunos, residências de técnicos, bedéis, professores auxiliares e catedráticos, dentre outros, que exibem influência do estilo neocolonial (tradicional) em suas arquiteturas. Por outro lado, também foi possível detectar um cuidadoso detalhamento do mobiliário dessas edificações, especialmente os alojamentos dos alunos, que permite reconstituir parte do modo de habitar projetado para o campus.

A sexta pesquisa, em andamento, “Paisagismo do Campus UFRRJ: a reconstrução do projeto de Reynaldo Dierberger” visa analisar e identificar, com base em referências bibliográficas selecionadas, os principais fundamentos e intenções originais de Reynaldo Dierberger nos projetos paisagísticos elaborados para o Campus Seropédica da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ), protegidos pelo tombamento estadual, desde 2001, juntamente com elementos do conjunto arquitetônico original, em estilo neocolonial. Adotando o conceito de jardim histórico, consagrado pelas Cartas de Florença (1981) e de Juiz de Fora (2010), bem como autores ligados ao tema estão sendo realizadas análises a partir do conjunto de plantas, desenhos e aquarelas disponíveis no acervo da UFRRJ. O resultado da análise comparativa entre o projetado no período 1938-1948 (levantamento fotográfico versus modelado digitalmente), e o efetivamente construído, possibilitará a percepção do estado geral atual dos jardins, bem como a elaboração de diretrizes necessárias não somente para conservação como também fornecer subsídio para possíveis

intervenções futuras, através de órgãos de fomento ou até mesmo iniciativa privada. A produção da reconstrução virtual por meio de modelos tridimensionais digitais deste raro projeto do Paisagista Reynaldo Dierberger no Estado do Rio de Janeiro, servirá como mais uma opção no rol de atrações turísticas e de lazer deste estado.

Figura 3 - Pôster produzido a partir da pesquisa sobre os próprios residenciais nacionais



Fonte: Elaborada por Luiz Philipe Santos da Silva. Acervo da pesquisa.

Estas pesquisas estão sendo importantes para a produção de conhecimento a viabilizada pela tarefa de documentação do patrimônio arquitetônico e paisagístico da UFRRJ. A análise do conjunto de desenhos de autoria de E. P. Sigaud, que incluem fachadas e interiores do Pavilhão Central (P1) da UFRRJ revelou um grande domínio de técnicas de desenho em grafite, nanquim e aguada, utilizadas em suporte de papel vegetal ou manteiga. Por outro lado, foi possível também observar que o arquiteto possuía amplo domínio do vocabulário oriundo da arquitetura tradicional brasileira, civil e religiosa, utilizando-os corretamente, em escala e proporção. Exemplificam bem esse domínio cinco pranchas representativas de estudos realizados por Sigaud para a fachada principal e hall de acesso principal do P1 (fig. 04).

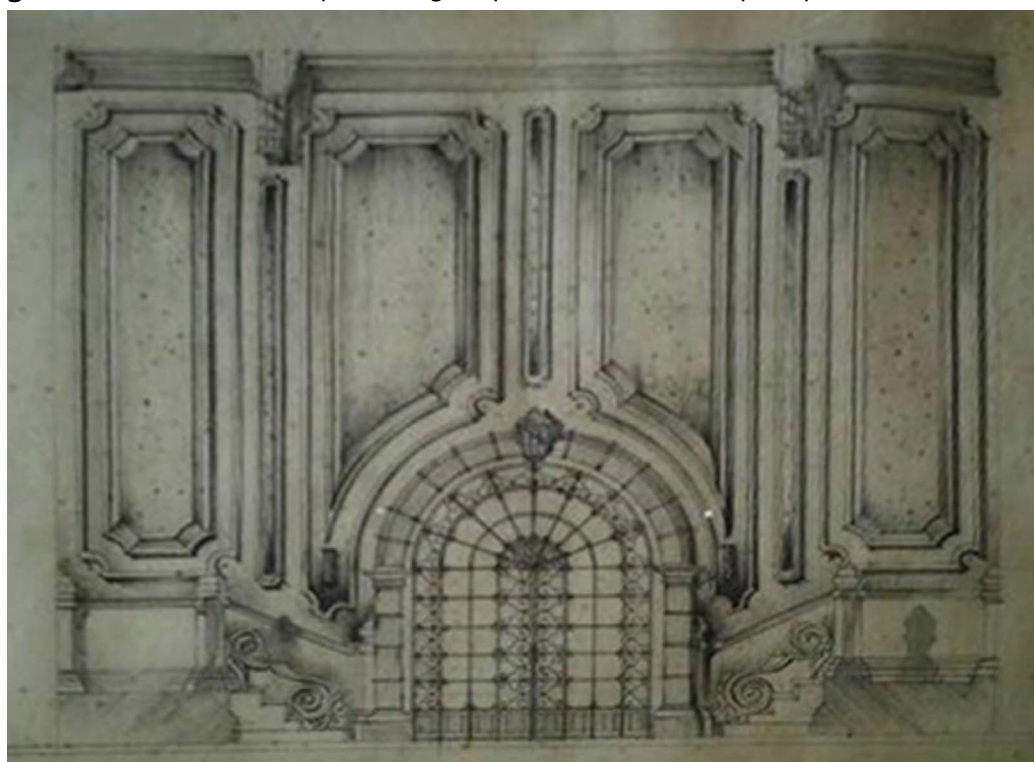
Sigaud propôs para o hall de acesso principal ao P1 um tratamento bastante requintado, traduzido em um pé-direito duplo que é vencido por imponente escadaria de duplo acesso (um em cada lateral da planta-baixa), marcados por arranques em volutas. A solução de escada se inspira nos acessos principais de algumas Casas de Câmara e Cadeia, como por exemplo, a de Mariana.

Em função do pé-direito duplo, torna-se possível vislumbrar frontalmente, ao se adentrar o espaço, a circulação do segundo nível da edificação que, no trecho do hall principal, recebe pequena sacada que é ladeada por dois vãos em arco pleno e cartelas. As paredes são moduladas por almofadas em massa que são arrematadas por cornijas e modilhões. As pranchas apresentam técnica mista de desenho (grafite e nanquim) sobre papel vegetal que apresenta manchas características de foxing, apesar de um estado geral bom.

No estudo da definição da aparência do corpo central da fachada principal do P1, com três pavimentos, Sigaud realizou diversos estudos, sendo adotada a versão que faz uso de coroamento superior em frontão caprichoso típico da arquitetura religiosa barroca-rococó brasileira. O elemento é ladeado por pináculos, sustentados por simulacros de “cunhais em silharia”, que são elementos da linguagem arquitetônica tradicional brasileira, originalmente constituídos por pedras de cantaria trabalhadas em silharia. Corona e Lemos (1972, p. 158 e 427) definem “cunhal” como a “pedra

situada nos ângulos externos dos edifícios.” “Genericamente, a palavra designa qualquer ângulo externo formado por duas paredes concorrentes (...)”. Quanto à tradicional técnica da “silharia” ou “enxilharia” é definida como “obra em que há emprego de silhares, pedras regularmente lavradas e aparelhadas segundo regras da estereotomia”.

Figura 4 - Estudo elaborado por E. P. Sigaud para o hall de entrada principal do Pavilhão Central.



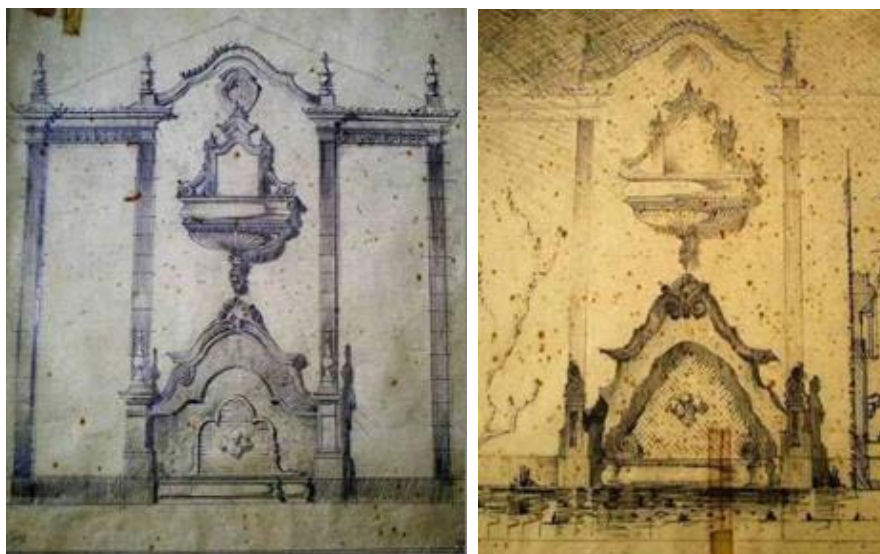
Fonte: Claudio Lima Carlos (2009)

Ao centro, o corpo central, possui uma cartela revestida por azulejaria que exhibe a tradicional bicromia branco e azul, característica dos azulejos portugueses, com clara inspiração em exemplares da arquitetura religiosa barroca brasileira. O corpo central apresenta outro frontão semelhante ao que arremata a cobertura, que define o porte cochère, com altura de apenas um pavimento. Este guarnece o acesso principal da edificação que se dá, frontalmente (pedestres), por três vãos em arco pleno, precedidos de pequena escadaria; e nas laterais (automóveis), por apenas um vão em arco pleno, em cada lado. Cabe também observar que no terceiro nível do pórtico, encontram-se três vãos de portas-sacada acessados pela sala da Reitoria. A sacada,

de planta elíptica, possui bacia com guarda corpo cego revestido em massa que se apoia em elemento conchóide, também em massa. Sigaud lançou mão de técnica mista de desenho (nanquim e grafite) sobre papel vegetal. A prancha encontra-se em mau estado de conservação, apresentando algumas lacunas que não comprometem a leitura das informações. As sujidades e fitas adesivas foram removidas, sendo que numa etapa posterior o suporte será devidamente restaurado.

Até o momento, foram localizados no acervo da UFRRJ, dois estudos para os corpos laterais da fachada principal do P1, assinados por Sigaud. Observa-se que nenhum dos dois foi executado exatamente conforme o desenhado. No primeiro desenho (fig. 05 esquerda), o arquiteto propôs o mesmo tipo de tratamento ornamental dispensado ao corpo central da edificação, exceto pelo tipo de enquadramento dos vãos de portas-sacadas que apresentam volutas e rocailles. Nestes corpos, Sigaud projetou, no nível térreo, uma fonte, com bicas decoradas por três cabeças de leoa que foram executadas fielmente. O segundo desenho (fig. 05 direita) aproxima-se mais do existente, exibindo o enquadramento da fonte exatamente conforme o existente, assim como os demais elementos de modenatura, exceto a cercadura do vão de porta-sacada, disposto no terceiro nível da fachada.

Figura 5 - Pranchas desenhadas por Sigaud com os estudos para a fachada principal do P1 – nanquim e grafite sobre papel manteiga, sem data.



Fonte: Claudio Lima Carlos, 2009. Fonte: Reserva Técnica do Laboratório de Conservação de Documentos LabDoc da UFRRJ, 2009.

Ações iniciais de conservação preventiva, iniciadas em 2013

Em função do grande risco de perda do acervo, optou-se por ações de conservação preventiva que se restringiram basicamente, ao controle do ambiente interno e à higienização (remoção de sujidades), retirada de grampos metálicos, “orelhas”, fitas adesivas e outros elementos que promoviam a deterioração dos originais, a maior parte com suporte em papel manteiga e vegetal, que recebem desenhos à grafite e nanquim. Essas etapas foram executadas in loco. Em face do quadro detectado, foram seguidos os seguintes passos:

- registro fotográfico do carimbo da planta, possibilitando a visualização do seu número original de registro, autoria, data de execução, escala e tema;
- registro fotográfico da planta inteira mostrando o original em suas reais proporções e estado de conservação;
- registro fotográfico das patologias detectadas, em detalhes.

Após os citados procedimentos, providenciou-se a análise minuciosa de toda a planta (exame organoléptico), para em seguida preencher-se a ficha de registro especialmente criada para o projeto. As informações da ficha são organizadas em três partes: Descrição, Diagnóstico do estado de conservação e Proposta de tratamento. O preenchimento é realizado pela equipe de técnicos do LabDoc que possuem conhecimento especializado em conservação de documentos com suporte de papel. Terminado o preenchimento da ficha, iniciaram-se as medidas básicas de conservação curativa, tais como, higienização – feita com trincha – e remoção de grampos, fitas adesivas e orelhas de papelão. As plantas higienizadas foram transferidas para uma mapoteca em aço.

A documentação foi acondicionada por número de registro na prateleira. Iniciou-se a elaboração de pastas de acondicionamento individual, confeccionadas em papel de pH neutro, levando em conta o tamanho da planta. Outra atividade desenvolvida


foi o controle climático do laboratório e da sala da mapoteca. Utilizou-se o aparelho denominado termo higrômetro para medir a temperatura mínima, máxima e a umidade relativa (UR) para atestar se os desenhos não sofreriam um choque de diferença climática (umidade e luminosidade), o que prejudicaria a sua conservação. Priorizou-se a construção de um ambiente estável para a guarda das plantas e, para tal, mediu-se a temperatura duas vezes ao dia.

Uma vez higienizados e livres de elementos agravantes do seu estado de conservação, as plantas foram acondicionadas em “pastas em cruz”, feitas com papel filiset neutro acompanhada de uma base protetora embaixo e acima para que a obra não entre em contato com outros documentos. O papel escolhido é um papel, acid free, por não ser fabricado pelo processo convencional de colagem ácida. Este papel tem longa durabilidade por ser resistente a fungos e proliferação de bactérias, sendo ideal para restauração ou recuperação de documentos. Seu objetivo é manter características intrínsecas do documento como sua originalidade e autenticidade. Nas plantas arquitetônicas muito grandes foi necessário unir duas ou mais folhas de papel acid-free com cola CMC (Carboxil-metil-celulose).

Feitos os devidos trabalhos de conservação preventiva, efetuaram-se os registros fotográficos e o cadastramento de cada original, por intermédio de fichas especialmente elaboradas para o projeto (fig. 06) que apresentam dados relacionados às ações de conservação preventiva executadas, análise do estado de conservação, características do original (suporte, dimensões, técnica utilizada) etc.

O uso da fotografia para registro das obras e seus processos de degradação é uma ferramenta indispensável para conservação e restauro. Antes da intervenção registra-se a planta como se encontra para que se tenha uma prova concreta do seu estado de conservação inicial, antes do processo de conservação. Busca-se com a fotografia registrar detalhes que identifiquem o documento, bem como registre seus danos. Para tal tarefa, utilizou-se máquina fotográfica profissional com lentes com macro, capazes de focar danos a curta distância.

Figura 6 - Ficha de registro do LabDoc

UFRRJ		UFRRJ		FAPERJ	
CENTRO DE MEMÓRIA - SETOR DE PRESERVAÇÃO		FICHA DE REGISTRO		DESCRIÇÃO	
Numero de Registro		DATA	1943		
Nome / Título	JAROIM PRÉDIO PRINCIPAL				
Projeto nº	01	Desenho nº		Escala	
Projetado por	DIERBERGER ARQUITETURA PAISAGÍSTICA LTDA				
Calculado por					
Desenhado por					
Revisado por:					
Suporte					
Dimensões					
Técnica					
Exames Realizados	<input type="checkbox"/> Luz UV <input type="checkbox"/> Luz Transmítida <input type="checkbox"/> Luz <input type="checkbox"/> Teste de Rasante <input type="checkbox"/> solvência				
Proprietário	Ministério da Agricultura – Comissão de Constituição do C.N.E.P.A. Prefeitura Universitária – UFRRJ				
Local de armazenamento					
Características visuais:					
DIAGNÓSTICO					
Estado de Conservação	REGULAR				
Sujidades	IRREGULAR		Ataque de insetos		
Abrasion	Excremento de insetos		Carimbos		
Acidez	Furos		Corries		
Adesivos	Fungos		Rasgos		
Etiquetas	Bordas Fragilizadas		Dobras		
Anotações em tinta	Intervenção anterior		Descoloração		
Ondulações	Oxidação do suporte		Manchas		
Perda de Pigmento	Perda de suporte		Oxidação das tintas		
	Grampos				
PROPOSTA DE TRATAMENTO					
	Fazer	Tempo	Responsável		
Planificação					
Higienização com Trincha					
Limpeza com Aplicação de pó de borracha					
Limpeza mecânica					
Retirada de pontos de ferrugem (oxidação)					
Remoção de fita adesiva					
Remoção de intervenções anteriores com H2O quente					
Confecção de polpa de papel					
Velatura					
Reparos com papel japonês					
Preenchimento de furos com polpa de papel (ingras/cmc) ou celulose/cmc					
Desacidificação não aquosa					
Desacidificação aquosa					
Secagem					
Reforço das bordas					
Remoção de colas					
Conservação	Restauração	Digitalização	Registro no banco de dados		
Dias trabalhados	Início		Término		
Nome do examinador			Data		
Nome do revisor			Data / /		

Fonte:Equipe do LabDoc UFRRJ

15

O uso da fotografia para registro das obras e seus processos de degradação é uma ferramenta indispensável para conservação e restauro. Antes da intervenção registra-se a planta como se encontra para que se tenha uma prova concreta do seu estado de conservação inicial, antes do processo de conservação. Busca-se com a fotografia registrar detalhes que identifiquem o documento, bem como registre seus danos. Para tal tarefa, utilizou-se máquina fotográfica profissional com lentes com macro, capazes de focar danos a curta distância.

Em 2015, as atividades do projeto se concentraram na confecção de novas embalagens para o acondicionamento das plantas arquitetônicas, a planificação de alguns originais onde foi detectada a necessidade dessa intervenção, e a catalogação.

O trabalho de planificação e acondicionamento é um trabalho demorado que precisa ser feito com cuidado e atenção. É um processo que consiste em retirar ondulações e marcas no papel. As plantas arquitetônicas foram colocadas entre papeis mata-borrão com um peso por cima, mantido por 24 horas. Quando não for suficiente, aplicou-se, com borrifador, água deionizada por dez minutos, repetindo o

processo por três vezes. (fig. 07). Conseguimos encontrar o melhor modelo para fazer os envelopes e a escolha do papel que foram satisfatórios levando em conta a espera da compra de materiais e a chegada dos mesmos.

Figura 7 - Mesa Higienizadora adquirida com recursos da FAPERJ



Fonte: Claudio Lima Carlos, 2015 – acervo da pesquisa

Com relação à catalogação, optou-se pela preservação da numeração original das plantas, localizada nas bordas e carimbos, juntamente com uma nova, atribuída especialmente para o Banco de Dados do Centro de Memória (BDCM). Não seguem uma ordem na prateleira por causa da distribuição de tamanhos. A nova numeração dos documentos foi registrada nas etiquetas colocadas sobre os envelopes de papel com pH neutro, criados para o acondicionamento, as duas numerações, além de datas e autoria dos desenhos. Apenas ficou em branco, provisoriamente, a coluna concernente à localização do original, pelos motivos acima expostos.

A embalagem escolhida para acondicionar as plantas foi a pasta em cruz, feita com papel *filiset* neutro acompanhada de uma base protetora embaixo e acima para que a obra não entre em contato com outros documentos. O papel escolhido é um papel, *acid free*, por não ser fabricado pelo processo convencional de colagem ácida. O agente de colagem é sintético e processado em meio neutro, não levando em sua fabricação o sulfato de alumínio, cujo resíduo libera ácido sulfúrico que atacam as fibras de celulose danificando o documento.

Os desenhos arquitetônicos, plantas, cartazes e amostras de papel de parede incluem-se entre os materiais de grandes dimensões. Estes materiais ficam mais bem armazenados em mapotecas ou em caixas grandes de boa qualidade. Os materiais devem ser colocados em pastas alcalinas, em formatos que se acomodem ao tamanho da gaveta ou da caixa. (BECK, 2001, p.11). As pastas preparadas sob medida no tamanho da gaveta da caixa são preferíveis, uma vez que as menores tendem a escorregar para o fundo ou a mudar de posição com o abrir e fechar das gavetas ou com o deslocamento das caixas. (BECK, 2001, p. 11).

Segundo Costa (2003), o acondicionamento

(...) tem por objetivo a proteção dos documentos que não se encontram em boas condições contra agentes externos e ambientais ou para a proteção daqueles que foram restaurados a favor da manutenção da integridade física da obra, armazenando-os de forma segura. (...) O acondicionamento protege os documentos da luz, da migração de acidez de um documento para o outro e dos desastres, como pequenos incêndios e inundações.

A possibilidade de um objeto vir ou não a ser preservado para o futuro depende muito do tipo de armazenamento ou acondicionamento que lhe seja dado. Os tratamentos dispendiosos e complicados de conservação têm pouca serventia se os objetos tratados são posteriormente devolvidos a ambientes que lhe são prejudiciais. Ao proporcionar o melhor armazenamento possível, damos o primeiro e mais importante passo para a preservação de nossa herança cultural. (MENDES, 2011, p. 83).

Quanto as patologias encontradas no acervo e o ambiente interno, a obra de arte

também precisa ser diagnosticada antes de sofrer qualquer processo de conservação. Tão importante como conhecer a composição do material a ser trabalhado é entender suas causas e suas patologias.

Um dos hábitos e rotinas de trabalho que é preciso ter nos ambientes que possuam arquivo é a limpeza superficial das obras. O acúmulo de pó, sujidades e xilófagos degradam o suporte e acelera sua deterioração. Faz-se necessário a utilização de equipamentos corretos como, trincha de cerda macia, mesa de higienização, aspirador de pó em velocidade mínima e pessoal capacitado. Segundo Pascual (2005, p.26):

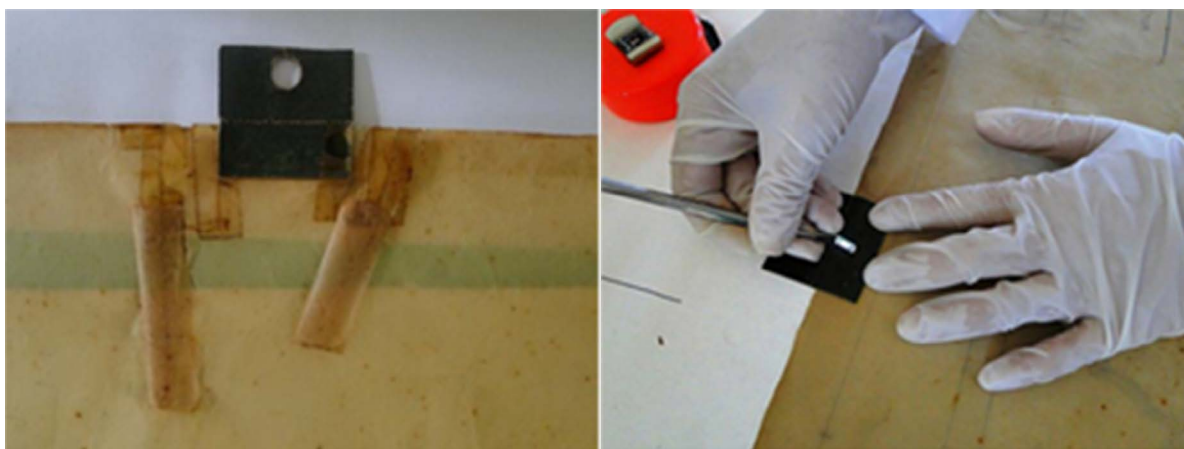
A sujidade, ou seja, as partículas depositadas sobre a peça distorcem o seu aspecto geral e alteram a sua leitura e observação, ao mesmo tempo em que mostram um aspecto descuidado. Este agente favorece o aparecimento e a aceleração de determinadas deteriorações.

18

Os papéis são suportes frágeis que precisam de manipulação adequada para que não ocorram rasgos e rupturas. Devido à ação do tempo sua fragilidade e ainda mais aumentada o que pode ocasionar problemas maiores. Todo cuidado é necessário em seu tratamento. Os rasgos deixam à vista as fibras do material, fragmentado suas margens (“barbas”). Eles não implicam em perda de material e podem ser reparados, unindo-os através de um restauro adequado. Se não se intervier, podem evoluir e romper-se totalmente e aí, sim, perder-se parte do suporte. “As rupturas são produzidas quando o papel se rasga em vários pedaços, alguns dos quais chegando até a perder-se.” (PASCUAL, 2005, p. 29).

Nada pior para um conservador/restaurador que encontrar um documento unido por uma fita adesiva. Fato comum nas instituições que não contam com profissionais capacitados. Ao invés de prolongar a vida do suporte, contribui para a sua rápida extinção. Tudo isso porque o durex, usado por muitos bibliotecários oxida com o tempo causando manchas irreversíveis e perda de informação. Segundo Pascual (2005, p. 27) “a fita-cola tende a envelhecer e provoca a oxidação da cola no suporte, provocando manchas impossíveis de se eliminar por completo” (fig. 08).

Figura 8 - Reparos em fita adesiva encontrados em plantas



Fonte: Clayton Oliveira, 2014 - Acervo da pesquisa

A utilização de grampos metálicos e cliques devem ser evitados, pois com o passar do tempo eles oxidam causando manchas irreversíveis nos suportes. “As manchas de ferrugem podem ser provocadas pela oxidação de elementos metálicos em contato com o papel ou pela oxidação dos pigmentos do material de proteção.” (PASCUAL, 2005, p. 27).

Não se sabe ao certo a causa das manchas marrons espalhadas pelo suporte em papel. Sabe-se que elas ocasionam furos e perda de informação. Segundo Pascual (2005, p.31):

O foxing é uma deterioração que se caracteriza pelo aparecimento de inúmeras manchas castanhas no papel. Desconhece-se sua origem e os agentes que participam de seu aparecimento. Alguns investigadores pensam tratar-se de microrganismos, mas outros defendem que se deve ao processo de oxidação das impurezas metálicas contidas no papel.

Há nas instituições uma disputa intrínseca por espaço físico. Os arquivos e bibliotecas geralmente ficam com os menores espaços devido à falta de conhecimento pela população acadêmica em preservá-los. Isso ocasiona acondicionamento indevido que resulta em marcas de dobras e pregas nos suportes em papel. “As dobras ou pregas provocam um sulco no papel que o torna frágil na zona onde foi produzido,

dando origem a rasgões ou a rupturas. São muito difíceis de corrigir” (PASCUAL, 2005, p. 29).

Entre as muitas causas, o amarelecimento do papel ocorre devido à ação da luz que acidifica o papel tornando-o frágil e sem resistência. Pascual (2005, p. 30), destaca que:

O amarelecimento do papel pode ter várias causas, entre elas, a acidez ou a ação da luz. A acidez pode levar ao amarelecimento ou ao escurecimento do papel, embora não seja a deterioração mais grave causada por este agente. A fragilidade que provoca no papel, se não for desacidificado, pode levar a sua total destruição. A luz, um dos principais agentes de degradação do papel, catalisa e favorece alguns processos de oxidação, tanto mais acentuados quanto maior for a quantidade de lignina contida no papel, o que também provoca o seu amarelecimento.

Conforme anteriormente citado, os agentes biológicos são protagonistas em matéria de destruição, por isso precisa de uma atenção redobrada na vistoria dos espaços físicos que abrigam os acervos. Os insetos, tais como os fungos, encontram alimento nas substâncias que constituem o papel, fundamentalmente a celulose e se desenvolvem em determinadas condições de umidade e temperatura elevadas. “(...) Os insetos xilófagos também se alimentam de celulose e encontram o habitat ideal no interior dos livros e dos documentos ou em grandes acumulações de papel.” (PASCUAL, 2005, p. 32).

Figura 9 - Invólucro utilizado para acondicionar as plantas: envelope em cruz.



Fonte: Clayton Oliveira, 2014 – Acervo da pesquisa

Figura 10 - Invólucro utilizado para acondicionar as plantas: envelope em cruz.



Fonte: Jéssica Gomes, 2014 – acervo da pesquisa.

Organização do acervo do LabDoc

A documentação histórica, em especial os desenhos de projetos de arquitetura, urbanismo e paisagismo elaborados para a construção de bens culturais, traz importantes informações que contribuem, especialmente, à reconstituição de intenções e sentimentos dos seus respectivos idealizadores. O acervo do LabDoc UFRRJ não integra oficialmente o conjunto de bens protegidos pelo processo de tombamento do INEPAC E-18/001.540/98 de 27/11/1998. Contudo, compreende-se o valor artístico e histórico deste patrimônio documental, demonstrado pelas pesquisas científicas que vem sendo realizadas por docentes e discentes da UFRRJ o que poderá, futuramente, ser pleiteada sua inclusão no conjunto de bens protegidos da UFRRJ.

O acervo do LabDoc é composto por um conjunto de desenhos de arquitetura, a maioria desenhos técnicos elaborados para a execução da obra, mas também por desenhos em perspectiva que utilizam técnicas artísticas como aquarelas e documentos como diários de obras. É composto por aproximadamente 500 pranchas de projetos arquitetônicos, 166 originais relacionados à memória da construção do Campus de Seropédica da UFRRJ (LIMA CARLOS et al, 2019).

Trata-se, portanto, de patrimônio documental pertencente à administração pública, que se enquadra tanto na Política de Patrimônio Cultural Material (PPCM) do IPHAN como na política de conservação documental do Conselho Nacional de Arquivos (CONARQ). No que tange à necessidade de organização do acervo, reconhece-se as dificuldades lidar com grande volume de documentos, com diferentes formatos e suportes, de conteúdos informacionais específicos de modo que a UFRRJ possa garantir o direito ao acesso democrático informação, cumprindo com mais esta função social no âmbito da política da informação (INDOLFO, 2008, p.81).

No âmbito do patrimônio cultural, O IPHAN, no âmbito das ações de preservação, inscreveu bens patrimoniais arquivísticos no programa pelo Registro Nacional do Brasil, como, por exemplo, o conjunto de pranchas de desenhos, croquis e projetos de Oscar

Niemeyer (1938-2005). No PPCM, os processos de monitoramento e conservação dizem respeito aos instrumentos de vigilância e proteção do patrimônio material.

Com relação à política arquivística administração pública o Conarq, vinculado ao Arquivo Nacional, é o órgão responsável pela produção de orientações normativas visando a preservação e acesso aos documentos de arquivos. Dentre as resoluções do Conarq, as relativas à gestão documental dão suporte às atividades de classificação, avaliação, digitalização, disseminação. Segundo a Resolução no 41 de 2014, os documentos do acervo do LabDoc são próprios de acervo iconográficos. Como a Norma Brasileira de Descrição Arquivística – Nobrade classifica os desenhos de arquitetura como documento cartográfico e este tipo de documento tem tanto valor informacional, como valor de prova, valor artístico, deve-se ter especial atenção ao processo de descrição destes documentos.

Quanto às resoluções do Conarq várias tratam da digitalização de documentos no contexto da gestão documental, por exemplo, as que indicam procedimentos para a digitalização de documentos (Resolução no 31 de 2010), a que estabelece a necessidade de preservação, integridade e autenticidade dos documentos digitais (Resolução no 24 de 2006), a que regulamenta a inserção de metadados em sistemas informatizados de gestão arquivística (Resolução no 32 de 2010), a de implementação de repositórios documentais (Resolução no 39 de 2014), a de criação do Repositório Arquivístico Digital Confiável – RDC-Arq (Resolução no 43 de 2015) que trata da autenticidade, confidencialidade, disponibilidade e preservação de documentos.

Na gestão documental o tratamento da informação arquivística segundo o ciclo de vida do documento (produção, utilização e destinação final) são classificação, avaliação, recuperação e dispersão da informação. Na etapa de classificação é primordial na organização do acervo. Os documentos são identificados, organizados e separados. A organização é realizada tendo em vista a recuperação da informação, podendo ser realizada por função, organização e por assunto (Resolução Conarq no 14 de 2001). No caso dos documentos do LabDoc, o tipo de organização mais adequada tendo em vista a natureza dos documentos foi a por assunto.

Especificamente na organização a descrição arquivística é muito importante para a recuperação de informações. Segundo o Nobrade, esta atividade visa garantir descrições “consistentes, apropriadas e auto-explicativas” (CONARQ, 2006, p.10). Influência no tratamento técnico do acervo pois estrutura a informação a partir de elementos de descrição comuns, cabendo a entidade custeadora, em nosso caso a UFRRJ, decidir sobre o formato final de seus instrumentos de pesquisa.

Na estrutura das informações do Nobrade, os documentos são descritos em seis níveis a saber: “acervo da entidade custodiadora (nível 0), fundo ou coleção (nível 1), seção (nível 2), série (nível 3), dossiê ou processo (nível 4) e item documental (nível 5)” (Arquivo Nacional, 2006 p.14). Segundo esta estrutura identificou-se a Entidade custeadora: UFRRJ, a Sub-unidade administrativa: Centro de Memória da UFRRJ, a Seção: LabDoc.

O dossiê é uma unidade de arquivamento constituída de documentos relacionados entre si por assunto (ação, evento, pessoa, lugar, projeto). Optou-se por organizar dossiês por projetos/lugares, isto é, organizados por edificação uma vez que o acervo foi construído mediante demandas provenientes das etapas de execução do conjunto arquitetônico do campus. Em função disso, foi possível classificá-los por categorias que remetem as suas naturezas e propósitos. Desta forma, foram estabelecidos dossiês separados para cada edificação inscrita no limite da área preservada Pavilhão Cental-P1, Instituto de Biologia-IB, Instituto de Química-IQ e Pesagro).

Como a série corresponde a uma coleção com sequência de documentos relativos à mesma função, atividade, tipo documental ou assunto, optou-se por organizar as séries por tipos de projetos:

- a. Projeto arquitetônico (plantas-baixas, cortes, fachadas etc.)
- b. Detalhes de projeto arquitetônico (ornatos, pisos etc.)
- c. Detalhamento de interiores (mobiliário, revestimentos, tetos etc.)
- d. Projetos complementares à arquitetura (instalações prediais, estrutura etc.)

Considerando que devemos nos apoiar nas normas técnicas para a elaboração e o desenvolvimento de serviços de projetos arquitetônicos (NBR 16.636-2) e de informação da construção (NBR 15.965-7), desenvolvemos os seguintes identificadores para as séries:

Quadro 1- Princípio da organização das séries dos desenhos de arquitetura do LabDoc/UFRRJ

Identificadores	Série	Descrição
5I 80 90 12 18	Desenhos de projeto: Projeto de arquitetura	
5I 80 90 12 18 14	Desenhos de plantas	Plantas-baixas, Planta de cobertura, Pisos e Forros
5I 80 90 12 18 16	Desenhos de elevação/seção	Cortes gerais, longitudinais e transversais) e Elevações (frontais, posteriores e laterais)
5I 80 90 12 18	Desenhos de projeto: complementares	Fundações, Estruturas, Vedos verticais, paredes, esquadrias, proteções e complementos, Sistemas de instalações prediais: elétrica, mecânicas, hidráulicas e sanitárias
	Desenhos de projeto: complementares	Jardins e paisagismo
5I 80 90 12 18 10	Desenhos compostos	Detalhes de projeto arquitetônico: Ornatos
		Mobiliário acessório ou incorporado
		Equipamentos sanitários
		Elementos de comunicação visual
5I 80 90 12 14 10	Ilustrações feitas à mão	Equipamentos para iluminação

Fonte: Elaborado pelos autores com base na ABNT NBR 15.965-7-2015. Sistema de classificação da informação da construção. Parte 7: Informação da construção

Nos desenhos do acervo não há discriminação de fases de elaboração e desenvolvimento de projetos técnicos. Desse modo, não é possível categorizar sub-séries por etapas de projeto (levantamento de dados, programa de necessidades, estudo de viabilidade, estudo preliminar, anteprojeto, estudo preliminar dos projetos complementares, projeto para licenciamentos, anteprojeto complementares, projeto executivo, projeto completo de edificação e documentação conforme construído (“as built”).

Quanto ao item documental, ou documento que compõe o dossiê ou processo, título pode incluir informações sobre tipologia, indicação de responsabilidade (como autor, destinatário, emissor, requerente, requerido, outorgante, outorgado, e/ou inter-

veniente etc.) e assunto. Optou-se por adotar a informação que consta no título do documento, quando explícito em carimbo ou texto. Quando não há nenhuma indicação, utilizamos o gênero (bibliográfico, cartográfico, eletrônico, filmográfico, iconográfico, micrográfico, sonoro, textual, tridimensional) ou os tipos específicos, que no caso do gênero cartográfico são: atlas, cartograma, desenho técnico, diagrama, fotografia, fotoíndice, mapa, mosaico aéreo, perfil e planta. Para a descrição do item documental do gênero cartográfico utiliza-se caricatura, cartaz, cartão postal, charge, cópia por contato, desenho, diapositivo, fotografia, gravura, ilustração, negativo fotográfico e pintura. (Arquivo Nacional, 2006)

A descrição do conteúdo do documento, que em nosso objeto de estudo necessita de um aporte teórico específico do campo da Arquitetura e Urbanismo e Engenharias, pode ir além da descrição do contexto e do conteúdo. Tanto a linguagem como os termos utilizados devem fazer parte do universo ao qual o documento foi produzido e tem utilidade. Para cada gênero de documento deve-se construir um glossário de termos, como um tesouro para indexações podendo ser elaborados com nomes, eventos, áreas geográficas, períodos e assuntos tópicos.

A descrição do conteúdo informacional dos desenhos de arquitetura e urbanismo, deve incluir informações sobre o que o desenho representa e qual a técnica de representação utilizada. Os elementos representados devem ser descritos conforme as análises apresentadas acima.

Outras informações também são importantes como autor/produtor, informações sobre o produtor, data, dimensão e suporte, história arquivística, procedência, âmbito (contexto histórico e geográfico) e conteúdo (tipologia documental, assunto e estrutura da informação) da unidade de descrição e ainda condições de acesso (livre ou restrito, restrição parcial, restrições transitórias), condições de reprodução.

Conclusões

A conservação do acervo de desenhos do LabDoc tem sido um desafio para a UFRRJ. Os avanços no processo de conservação do acervo vêm sendo conquistados a passos pequenos, mas sem dúvida vem sendo imprescindível o esforço da equipe multidisciplinar do LabDoc e seus colaboradores. Sem o apoio da Universidade com a concessão de bolsas de iniciação científica e bolsas de apoio técnico e da Faperj apoiando a infraestrutura, seria impossível iniciar a conservação dos desenhos.

Iniciar os trabalhos pela conservação preventiva foi fundamental. Os suportes estavam muito deteriorados com grande risco de perda de grande parte dos documentos. A conservação preventiva possibilitou que estes fossem digitalizados possibilitando que diversos estudos fossem realizados inclusive, facilitou a organização do acervo. Mas, principalmente, significou a ampliação da vida do acervo.

Atualmente, a equipe continua a higienização, estabilização e acondicionamento pois o acervo conta com muitos documentos. A organização do acervo que se iniciou pelo fichamento contendo as informações gerais, diagnóstico do estado de conservação e indicação das ações para conservação do documento. Ainda enfrenta-se o desafio de digitalizar os desenhos em alta resolução, de descrever o conteúdo dos documentos e implantar um sistema de banco de dados digital para que seja possível disponibilizar os documentos na internet. Para tal, necessita-se de equipamentos especializados para digitalização de documentos com grande formato e a colaboradores técnicos como biblioteconomistas e profissionais de sistemas de informação.

Pretende-se construir instrumentos de pesquisa como tesouros e catálogos de modo o acesso à informação seja mais assertivo. Há também que estudar como vincular o acervo do LabDoc com os processos correntes e arquivados que se encontram localizados na Seção de Arquivo e Protocolo Geral-SAPG.

REFERÊNCIAS

ANGELO, Carla Viviane da Silva. **Arquivos e Preservação Documental**, in *Mestres e Conselheiros: Manual de atuação dos agentes do Patrimônio Cultural/organização* Marcos Paulo de Souza Miranda, Guilherme Maciel Araújo e Jorge Abdo Askar. – Belo Horizonte: IEDS, 2009, PP. 91-96.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Conselho Nacional de Arquivos. Classificação**, temporalidade e destinação de documentos de arquivo relativos às atividades-meio da administração pública. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2001.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). **Conselho Nacional de Arquivos. Resolução no 31 de abril de 2010**. Dispõe sobre a adoção de recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes e Anexo: Recomendações para digitalização de documentos arquivísticos permanentes. Rio de Janeiro: Arquivo Nacional, 2010.

ARQUIVO NACIONAL (Brasil). *Norma Brasileira de Descrição Arquivística*. Rio de Janeiro, 2006.

BECK, Ingrid. **Armazenagem e manuseio** / editado por Sherelyn Ogden; [tradução Elizabeth Larkin Nascimento, Francisco de Castro Azevedo; revisão técnica Ana Virginia Pinheiro, Dely Bezerra de Miranda Santos; revisão final Cássia Maria Mello da Silva, Lena Brasil]. — 2. ed. — Rio de Janeiro: Projeto Conservação Preventiva em Bibliotecas e Arquivos: Arquivo Nacional, 2001.

BECK, Ingrid. **Manual de conservação de documentos**. Arquivo Nacional, Rio de Janeiro, 1985.

BOURDIER, Pierre. **A Economia das Trocas Simbólicas**. São Paulo: Ed. Perspectiva, 2007. (Coleção Estudos, vol. 20)

CORONA, Eduardo; e LEMOS, Carlos. **Dicionário da Arquitetura Brasileira**. São Paulo: Edart, 1972 (1ª edição).

COSTA, Marilene Fragas. **Noções básicas de conservação preventiva de documentos**. Centro de informação científica e tecnológica de Manguinhos, Laboratório de conservação preventiva de documentos - CICT. Rio de Janeiro: Fiocruz, set., 2003.

DICIONÁRIO DE TERMINOLOGIA ARQUIVÍSTICA. **São Paulo**: Associação dos Arquivistas Brasileiros – Núcleo Regional de São Paulo: Secretaria de Estado da Cultura, 1996.

LIMA CARLOS, Claudio Antônio S. A construção do laboratório de conservação de documentos (LABDOC) da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). In: III Seminário de Memória, Patrimônio e Cultura & I Seminário de Conscientização Patrimonial: Memória Viva., 2017, Seropédica. **Anais do III Seminário de Memória, Patrimônio e Cultura &**

I Seminário de Conscientização Patrimonial: Memória Viva. Nova Iguaçu: Entorno, 2017. v. 1. p. 51-56.

LIMA CARLOS, Claudio Antônio S. A memória do neocolonial brasileiro presente no acervo documental da construção do Campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). In: Congresso Ibero-Americano: patrimônio, suas matérias e imatérias, 2016, Lisboa. **Congresso Ibero-Americano: patrimônio, suas matérias e imatérias**. Lisboa: LABORATÓRIO NACIONAL DE ENGENHARIA CIVIL, I.P., 2016. v. 1. p. 1-16.

LIMA CARLOS, Claudio Antônio S. Descobrimo o Campus da UFRRJ através de seu Patrimônio Documental. In: 2º Seminário Ibero-Americano de Arquitetura e Documentação, 2011, Belo Horizonte. **2º Seminário Ibero-Americano de Arquitetura e Documentação - Desafio e Perspectivas - Caderno de Resumos**. Belo Horizonte: Mestrado em Ambiente Construído e Patrimônio Sustentável; IEDS, 2011. v. 01. p. 341-342.

LIMA CARLOS, Claudio Antônio S. O resgate e a conservação da memória projetual e construtiva do campus da UFRRJ. In: **4º Seminário Ibero-Americano Arquitetura e Documentação**, 2015, Belo Horizonte. Arquitetura e Documentação 2015. Belo Horizonte: UFMG/IEDS, 2015. v. 1. p. 1-19.

LIMA CARLOS, Claudio Antônio S. Quando o moderno era neocolonial: a participação de Eugênio de Proença Sigaud na construção do campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. In: **3º Congresso Internacional de história da construção Luso-brasileira**, 2019, Salvador. Anais do 3º CIHCLB. Salvador: Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração, 2019. v. 1. p. 1622-1635.

LIMA CARLOS, Claudio Antônio S.; FERREIRA, J. P. O habitar no campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ). In: **II Simpósio Científico do Icomos Brasil 2018**, 2018, Belo Horizonte. Simpósio Científico - Icomos - 2018. Belo Horizonte: Universidade de Federal de Minas Gerais - UFMG, 2018. v. 1. p. 1359-1379.

LIMA CARLOS, Claudio Antônio S.; GOMES, J.; OLIVEIRA, C.; SEEHAUSEN, M. V. Conservação Preventiva das Plantas Arquitetônicas do Campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro (UFRRJ) elaboradas por Eugênio de Proença Sigaud. In: **3º Colóquio Ibero-Americano de Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto - Desafios e Perspectivas**, 2014, Belo Horizonte. 3º Colóquio Ibero-Americano de Paisagem Cultural, Patrimônio e Projeto - Desafios e Perspectivas. Belo Horizonte: Instituto de Estudos do Desenvolvimento Sustentável - IEDS, 2014. v. 1. p. 1-22.

LIMA CARLOS, Claudio Antônio S.; MARCONDES, P. ; SOUZA, T. Y. . Criação do laboratório de conservação de documentos da UFRRJ (LABDOC/UFRRJ): Memória, conservação e produção de conhecimentos. In: Rachel Myrrha de Paula Silva Neves; Vânia Myrrha de Paula Silva. (Org.). **Estudos brasileiros sobre patrimônio**. Volume 1. 1ed. Belo Horizonte: Poisson, 2019, v. 1, p. 222-232.

LIMA CARLOS, Claudio Antônio S.; RIBEIRO, E. M. **A Conservação do Conjunto Arquitetônico do Campus da UFRRJ**. In: Hélio Herbst. (Org.). Dez Anos de Arquitetura na Rural - Percursos e Perspectivas do Departamento de Arquitetura e Urbanismo da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. 1ªed.Seropédica: Editora da UFRRJ, 2010, v. 1, p. 199-211.

MENDES, Marylka; SILVEIRA, Luciana da; BEVILAQUA, Fátima. **Conservação – Conceitos e Práticas**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2001.

PASCUAL, Eva. **Conservar e restaurar papel**. Lisboa: Estampa, 2005.

RUMBELAPAGER, Maria de Lourdes. **Arquitetura Neocolonial**. Seropédica, RJ: EDUR, 2005.

SILVA, Priscila Marcondes. **O patrimônio documental como fonte de conhecimento para a conservação do acervo do LabDoc/UFRRJ**.

29

Texto baseado no artigo LIMA CARLOS, Claudio. Quando o moderno era neocolonial: a participação de Eugênio de proença Sigaud no processo de construção do Campus da Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. In: **Anais do 3º CIHCLB [recurso eletrônico]**: Salvador, 3 a 6 de setembro de 2019 / Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração (Org). Salvador, BA: Núcleo de Tecnologia da Preservação e da Restauração, 2019, p. 1622 a 1635.

Publisher

Universidade Federal de Goiás. Faculdade/Instituto/Escola. Programa de Pós-graduação Projeto e Cidade. Publicação no Portal de Periódicos UFG.

As ideias expressadas neste artigo são de responsabilidade de seus autores, não representando, necessariamente, a opinião dos editores ou da universidade.

RECEBIDO EM: 03/09/2020

APROVADO EM: 02/10/2020

PUBLICADO EM: 11/11/2020